

Brasília faz 27 anos dando mordomia até para urubu

Brasília — Fotos de José Varella

Ricardo Amaral

Brasília — Capital do Brasil dá mordomia até para urubu. Os quatro únicos exemplares da espécie que habitam os 5 mil 783 quilômetros quadrados de Brasília dividem com águias chilenas e carcarás nordestinos ampla jaia circular do zoológico da cidade. Cada urubu de Brasília come meio quilo de carne por dia, ração bem mais alimentada que a das cerca de 150 mil pessoas que moram em favelas erguidas nos espaços vazios do Plano Piloto de Lúcio Costa. "As aves preferem carne viva, um coelhinho, uma cobrinha," explica o diretor do zôo, José Antônio Ramos.

Brasília completa 27 anos nesta terça-feira sem urubus no céu porque não tem matadouros nem cães e gatos vadios nas ruas, matérias-primas da carne que alimenta a asa-negra em qualquer outra das quatro mil cidades brasileiras. Quase balzaquiana, a cidade não decidiu ainda alguns enigmas que a desafiam desde sua fundação. Perguntas sem respostas como: quem roubou um edifício de seis andares e 24 apartamentos que deveria estar solidamente plantado ao lote I da superquadra 105 Sul desde 1960? Ou: quem está subindo e descendo pelos três elevadores que faltam ao prédio do Ministério do Trabalho?

Se faltam elevadores ao ministro Almir Pazzianoto, eles pululam no resto do Plano. Brasília tem mais de sete mil elevadores. Não é luxo, é o modelo de construção imposto pelo projeto arquitetônico. Os edifícios não podem ter mais de seis andares e se estendem no sentido horizontal. "Cada edifício com seis elevadores poderia ser perfeitamente servido por dois, se fossem mais altos", garante o proprietário de uma das maiores empresas de conservação de elevadores de Brasília, a Vertical, Geraldo Liberal Ferreira.

É no elevador que começa, invariavelmente, a rotina dos 400 mil moradores de edifícios do Plano Piloto — somadas as oito cidades-satélites, a população de Brasília chega a 1 milhão 600 mil habitantes.

Do elevador, passa para a garagem: há 325 mil automóveis registrados no Detran local e mais 50 mil com placas de outras cidades, o que dá a maior média de automóveis por habitante do país, quase um veículo para cada quatro cidadãos. O corpo humano em Brasília se divide em cabeça, tronco e rodas.

Depois de dar a partida no carro, o brasileiro penetra num emaranhado de 1 mil 200 quilômetros de vias pavimentadas. A cidade dá voltas e mais voltas em túneis e viadutos que evitam cruzamentos. Tanto asfalto assim daria para cobrir a distância Brasília-Rio. Como as pistas são largas, dava para garantir o percurso de volta. Mas cuidado com a chuva. Os construtores de Brasília economizaram no material e utilizaram como brita asfáltica o calcário das pedreiras da região. O desgaste da pedra é rápido, o atrito com os pneus mínimo e o número de acidentes trágicos. O trânsito de Brasília mata uma pessoa a cada dois dias, pelas contas da polícia. Sem falar nos atropelamentos — 2 mil 142 — em 86.

Se o motorista é um dos 80 mil funcionários do governo do Distrito Federal (uma inchada prefeitura biônica que atende pelo nome de GDF) ou um dos cerca de 100 mil que vagam pelos ministérios e autarquias federais (ninguém sabe o número correto), o próximo elevador que ele vai tomar é o da repartição. Se for bancário, pode escolher entre o SBS ou o SBN. Boys e jornalistas dirigem-se ao SCS. Médicos e enfermeiras procuram o HBB, o HRAN, o HRAS, o SHS ou o SHN. Desocupados em geral acorrem ao SDS. No fim do dia, tomam o caminho de volta para a SHIS, a SQN ou a SQS. Antes de voltar para casa, é possível jantar numa SCRN ou SCRS. Para os amantes, há motéis à farta no SMDS. A profusão de siglas dá à vida de Brasília um sabor de sopa de letrinhas.

Por trás de cada sigla, a vida. SBS e SBN designam, respectivamente, os setores bancários Sul e Norte, que elegeram o deputado comunista Augusto Carvalho, ex-presidente do Sindicato dos Bancários. Lá está um dos desastres arquitetônicos de Brasília, o edifício-sede do Banco Central. É uma estrutura em concreto e vidro de 30 andares, da qual foram retiradas, por medida de segurança, toneladas de papel que ameaçavam levar com seu peso o prédio abaixo.

SCS quer dizer Setor Comercial Sul, mas o comércio mesmo se faz em shopping-centers na periferia da cidade. Com exceção das Lojas Americanas, o único comércio do setor comercial é o dos camelôs, dos bares e de uma legião de engraxates. Para desespero dos funcionários de escritórios e jornais, que verdadeiramente ocupam o SCS, apenas dois bares ficam abertos depois das 7 horas. O bar do Ivan e o do Silvino, um mineiro e um paraibano que não se enquadraram à vida setorizada de Brasília.

"Dr ponte aérea"

Um setor que — diz a lenda — é prudente evitar, é o dos hospitais. HBB, o Hospital de Base de Brasília, ganhou fama de ter matado Tancredo Neves e deu alento ao conselho do ex-deputado Magalhães Pinto: "o melhor médico de Brasília é o dr ponte aérea." A queixa contra os serviços públicos de saúde da capital se estende também ao HRAN (Hospital Regional da Asa Norte) e seu similar da Asa Sul, HRAS (pronuncia-se **agarran** e **agarras**).

Neles e nos hospitais do Inamps estão só 2 mil 580 leitos públicos de Brasília, onde nasce a maior parte dos 2 mil 400 bebês que vêm ao mundo, todo mês, na capital do Brasil. Alguns são **exportados**, como o garoto Pedrinho.

O reitor da UnB (Universidade de Brasília), Cristóvão Buarque, põe o dedo na ferida: "A saúde em Brasília é ruim porque a única faculdade de medicina forma mais médicos desde 1977, quando a universidade fechou o seu hospital-escola. Sem prática não há boa medicina", ensina Buarque. Se não for concluído um acordo que transfere para a universidade a administração do Hospital Presidente Médici, hoje do Inamps, ele promete simplesmente fechar os cursos de medicina e enfermagem.

Quem não confia na medicina pú-



Os quatro únicos urubus da cidade moram no zôo, preferem comer carne viva e dão preferência à de coelho

blica de Brasília, nem tem dinheiro para uma consulta com o dr ponte aérea, descobre por trás da sigla SHS o Setor Hospitalar Sul, um shopping center da saúde (ou da doença), onde os hospitais particulares disputam com vistosos neons a preferência do doente. Não se recomenda que o paciente lance o olhar para a janela. Ele vai ver, bem juntinho aos hospitais, o cemitério do Campo da Esperança, onde são enterradas 118 pessoas por mês. A vizinhança entre hospitais e cemitério é de mau agouro, mas torna raríssima em Brasília a cena dos cortejos fúnebres.

Fortaleza da solidão

Como várias outras siglas de Brasília, a do Setor de Diversões Sul não corresponde na prática à intenção do batismo. O SDS, um conjunto de edifícios mais conhecido pela sigla da construtora que o ergueu (a Conic) faz às vezes de uma fortaleza da solidão. Plantado junto à rodoviária e a um

quilômetro do STF (onde mulher não entra de calça comprida e homem tem que usar paletó e gravata), o Conic acolhe solitários que procuram na noite uma prostituta, um travesti ou um show de **strip-tease** no Cine Ritz, único cinema erótico da cidade. Lá estão também as sedes regionais do PT, do PC do B e do PDS, esta, bem ao lado de uma discreta casa de massagens para executivos. Aceitam-se cartões de crédito.

Mas Brasília ainda é provinciana. Na Sexta-Feira da Paixão e no sábado de Aleluia o Cine Ritz exhibe **Jesus de Nazare, o mártir do calvário** e dispensa as cinco moças do show — "todas do Rio e de São Paulo, porque a brasileira ainda é muito envergonhada", segundo o gerente Valdivino Soares dos Santos. Nas boates do Conic os solitários encontram parceiras e parceiros dispostos a rodar oito quilômetros até o SMDS — o Setor de Motéis e Diversão Sul. Motéis, há. A diversão fica por conta do casal.



Cabeloso, Sansão, Torrone e Testa azaram as gatinhas em pererecas e gostam da capital porque há espaço

Encontra-se companhia também nos restaurantes das SCRNs e SCRS, o comércio local entre as superquadras residenciais. Pode ser companhia para fazer amor ou para fazer política. As duas espécies coabitam no Piantela (o preferido do deputado Ulysses Guimarães) ou no Florentino, onde o PMDB vai falar mal do governo. Ministro que não quer ser bajulado nesses dois, vai se esconder no 45 (que prefere ser tratado em inglês — **forty-five**), ou na nova coqueluche da cidade, a churrasceria Lake's, que serve **baby-beef** aos senadores Fernando Henrique e Mário Covas mas, a exemplo do Cine Ritz, não oferece carne na sexta-feira da Paixão. Peixe é no Texas, com ambiente de **saloon** e cascos de tartaruga, jacarés empalhados e conchinhas nas paredes.

Comida boa e cara, mas o prato típico da culinária brasileira é um só, e barato: caldo de cana com pastel, 24 horas por dia nos bares e lanchonetes da estação rodoviária central, que só recebe ônibus urbanos. Viajar de ônibus para outra cidade não é por ali. É preciso ir até a estação rodoviária, distante 20 quilômetros do Centro da cidade. O aeroporto fica mais perto. Trem só existe um, o Bandeirante, que faz a linha Brasília-Campinas (SP).

"Pererecas" e spray

Gato de Brasília curte rock local, do grupo Legião Urbana, picha tudo o que vê com **spray** e vai **azarar** as meninas no Gilberto Salomão, uma espécie de praia na ponta da Asa Sul, junto ao Lago Paranoá, que leva o nome de seu construtor, mania aliás muito comum entre os empreiteiros que enriqueceram na construção da cidade. Mas garoto que é garoto tem que ter um apelido e uma **perereca**, como são chamadas as mobiletas de 49 cilindradas fabricadas pela Caloi. Em oferta por Cz\$ 19 mil no Carrefour local.

Sansão, Cabeloso, Torrone e Testa, filhos de comerciantes da superquadra 305 Sul, fazem o gênero. Todos estão na faixa dos 14 anos e aproveitam a greve dos professores, que periodicamente fecha as escolas públicas de Brasília, para **bater pista** em direção à Península dos Ministros. "Brasília tem espaço", sentencia Torrone, que já morou em São Paulo e gosta do verde da capital, tanto quanto do conjunto inglês The Cure.

Pertinho da quadra dos garotos fica a SQS 105 Sul, cenário do mais espetacular roubo de que se tem notícia na história de Brasília. O crime foi praticado em 1960, mas só foi descoberto 13 anos depois, quando o governador Elmo Serejo determinou a substituição, por letras, dos números que identificavam os 11 blocos de cada superquadra e confundiam carteiros e moradores. O funcionário da Novacap encarregado de substituir as placas da 105 Sul voltou para a repartição atônito, com a leta I, correspondente ao bloco 10, debaixo do braço.

Como era alfabetizado, o funcionário disse, taxativamente, ao chefe, que a letra estava sobrando porque não havia bloco 10 na 105 Sul. Chefe desconfiado foi até o local para conferir a informação do funcionário. Em

lugar do bloco que estava desenhado na planta (e com os custos anotados nos borderôs da Novacap), encontrou um campo de futebol. Alguém roubou 24 apartamentos, de quatro quartos, dependência de empregada, cozinha e salão. Os vizinhos garantem que o edifício foi construído em um terreno particular de Fortaleza (CE). Uma pergunta para ser feita ao antigo e extinto Iapi, proprietário dos blocos da quadra. A Novacap não perguntou muita coisa: preferiu erguer, a toque de caixa, um bloco de verdade, inaugurado em 1974.

Brigas de cachorro

Chique mesmo é morar no SHIS, nome científico das mansões e chácaras do Lago Sul. Chácaras de 10 mil 400 metros quadrados podem ter até uma nascente dentro do terreno, como a da empresária Vera Brant, que administra 1 mil 300 dos melhores imóveis de Brasília. Mas são recomendáveis apenas para pessoas jurídicas, como a Shell, as construtoras Camargo Correa, Norberto Odebrecht e Cowan, que alugam por até Cz\$ 280 mil mensais as mais cinematográficas (e discretas) residências para funcionários e diretores que vêm a Brasília praticar o sofisticado esporte do **lobby**.

Mas é preciso cuidado com a vizinhança. O embaixador Paulo Tarso Flexa de Lima já teve na QI 7 do Lago Sul um barulhento e incômodo vizinho. Era um representante do extinto Comind que, no governo Figueiredo, fazia o **lobby** do falido banco oferecendo a oficiais gerais um espetáculo insólito: brigas de cachorros nos fins de semana.

Cachorro na rua só existe em Brasília em um lugar: a Vila Planalto, um acampamento da época da construção, a exatos 850 metros do Palácio do Planalto e 1 mil 300 metros do Palácio da Alvorada. São 1 mil 280 casas de madeira, com quintal, ruas de terra e birosas nas esquinas, onde moram pessoas que trabalharam na construção de Brasília e se recusaram a trocar o acampamento pelos edifícios do Plano Piloto ou as casas das satélites. Vão colher este ano, em sua horta comunitária, 200 sacas de arroz, 50 de milho e 15 toneladas de mandioca, quase à sombra do edifício-sede do Congresso Nacional.

O arquiteto Lúcio Costa incluiu a Vila Planalto em seu plano para expansão de Brasília. Quer construir pequenos prédios de apartamentos que batizou como quadras econômicas, com a provável sigla QEVP. Encontrou repulsa generalizada entre os 6 mil 200 moradores da vila, entre eles o gaúcho de São Borja Elmo Marques, técnico em comunicações de longa distância, 52 anos, três filhos, um neto, 40 galinhas, uma figueira e um cachorro no quintal da casa de 260 metros quadrados.

— Será que o dr Lúcio Costa acha que eu vou criar galinhas em apartamento? — indigna-se Elmo **Gaúcho**, presidente da Associação dos Moradores da Vila Planalto.

* Participaram: Tânia Fusco, Marcelo Tognozzi e Solon Dias